

ECONOMIA CRIATIVA COMO FERRAMENTA DA SUSTENTABILIDADE

Maria Lúcia Baltazar Candido¹, Rosemar Delpino², Friedhilde Maria K. Manolescu³

^{1,3}UNIVAP/PLUR, Av. Shishima Hifumi, 2911 – Urbanova - SJC, malubc@directnet.com.br, frida@univap.br

²ETEP Faculdades/Faculdade de Administração, Av. Barão do Rio Branco, 882 – Jd. Esplanada – SJC, rosemar.delpino@etep.edu.br

Resumo - A Economia é uma ciência que tem como preocupação, resolver o problema das necessidades humanas ilimitadas frente a escassez de recursos. Para tanto, desde o início das organizações produtivas, o Homem busca a melhoria de seus processos, auxiliado por outros ramos da ciência humana e exata, como a administração, a psicologia, a sociologia, a engenharia, a estatística, a matemática, dentre outras. Nesta evolução das relações produtivas, os homens vêm demonstrando suas habilidades e limitações, buscando a superação dos obstáculos que lhes são apresentados. No século XXI, com a acirrada competitividade imposta pela globalização, a Economia Criativa é uma poderosa ferramenta que as empresas podem utilizar, para lidarem com os novos desafios deste cenário e criarem alternativas para se desenvolverem e contribuírem com a sustentabilidade.

Palavras-chave: economia criativa, organizações produtivas, processos, sustentabilidade.

Área do Conhecimento: VI - Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

As empresas possuem diversas atribuições e preocupações. Além de desenvolverem o seu papel econômico e social, contribuem para a formação de outros elementos inseridos no espaço, como o cultural, o político e o ambiental.

Neste sentido, preocupam-se com a manutenção de sua competitividade e lucratividade, buscando diferenciais que proporcionem o seu desenvolvimento sustentável.

Os processos produtivos incluem diversos fatores, como tecnologia, recursos materiais, recursos naturais, recursos financeiros e recursos humanos.

O capital humano e os aspectos culturais de cada região podem ser aproveitados como diferenciais competitivos, por meio do uso da economia criativa, capaz de trazer e gerar recursos para um desenvolvimento sustentável.

Metodologia

Este artigo foi elaborado com base em uma pesquisa qualitativa, que inclui a pesquisa bibliográfica, sobre o espaço, economia criativa e sustentabilidade; e pesquisa e análise da distribuição da mão-de-obra no Município de São José dos Campos (Atlas das Condições de Vida da População de São José dos Campos) nos setores econômicos da indústria, comércio e serviços.

Resultados

Espera-se com este artigo, disseminar o conceito de economia criativa para uma

comunidade acadêmica e empresarial, capaz de estimular a adoção de novas práticas produtivas. É importante que as empresas consigam aproveitar melhor os recursos de que dispõem, preocupando-se não apenas com os aspectos econômicos e com a lucratividade de seus negócios, mas com a geração de vantagens competitivas e desenvolvimento sustentável de sua região.

Apresentar a economia criativa como uma ferramenta para o desenvolvimento das empresas é foco deste trabalho e envolve dois fatores principais: a valorização e estímulo do capital humano na busca de soluções criativas e valorização das características e peculiaridades regionais.

Discussão

Ao estudar os processos produtivos e a dinâmica das empresas, não se pode desprezar que “A Economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico” (SANTOS, 1992).

Com base nesta premissa, as organizações produtivas possuem um desafio ainda maior, que é o de considerar a interação que existe entre o espaço e os atores que compõem este cenário.

O elemento humano sendo o principal ator deste cenário, muito pode contribuir para o desenvolvimento regional, visto que é elemento-chave para o desenvolvimento da criatividade.

O desenvolvimento regional é outro elemento importante para a geração de recursos de um país, bem como, para a criação de alternativas

que permitam a consolidação de um desenvolvimento sustentável.

O Brasil tem um passivo cultural a ser administrado e modificado, que é o fato histórico da nossa colonização e desenvolvimento econômico, político, social e cultural, calcado nas relações de domínio e exploração.

De acordo com Costa (1987), a política de terras e de mão-de-obra está sempre relacionada, e ambas, dependem por sua vez, das fases do desenvolvimento econômico. No século XIX, diversas leis foram decretadas, em diferentes países, com o objetivo de regularizar a propriedade da terra, de acordo com as novas necessidades econômicas e os novos conceitos de terra e de trabalho.

Presencia-se, no século XXI, a mesma preocupação em relação ao uso da terra, porém, não mais com foco no aspecto legal de sua ocupação, que já se tornou imperativa, mas fundamentalmente, nas relações de trabalho, capital, uso da terra e geração de mecanismos que permitam a sustentabilidade.

A preocupação com o uso da terra e com a sustentabilidade aumenta, a partir da intensificação da globalização. Diversos países sentem a necessidade de discutir e encontrar soluções para questões econômicas, ecológicas e ambientais, que disciplinem e norteiem as formas de uso e exploração dos recursos.

De acordo com Castro (1996), esse novo paradigma conhecido como desenvolvimento sustentável surge através de um esforço de reconceptualização do conceito de desenvolvimento, abalado pela crise ambiental e social.

Para a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Organização das Nações Unidas (CMMAD, 1988), Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de que as gerações futuras satisfaçam as suas próprias necessidades.

O Desenvolvimento Sustentável é construído sobre “três pilares interdependentes e mutuamente sustentadores” — desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e proteção ambiental (CMMAD, 1988). O Projeto de Implementação Internacional – PII, contempla mais um pilar de sustentação, e não menos importante que os demais: a cultura. Entende-se por Cultura, o conjunto de valores, diversidade, conhecimento, crenças, arte, moral, leis, línguas, costumes, hábitos, visões e aptidões adquiridos pelos homens como membros de uma sociedade.

Com base neste conceito, as empresas devem buscar sua sustentabilidade observando as características que lhes são peculiares, de acordo com o espaço onde vivem e com a atividade que exercem.

O relativismo cultural é um dos aspectos positivos que podem levar diversas regiões do Brasil ao desenvolvimento de novas alternativas, criativas e sustentáveis.

O conceito de Economia Criativa é recente e depende de diversas interpretações e em diversos países e organizações. A primeira definição foi desenvolvida pelo autor inglês John Howkins, no livro “The Creative Economy”, publicado em 2001, segundo o qual as diversas atividades que compõem essa economia têm uma coisa em comum: são os resultados de indivíduos exercitando a sua imaginação e explorando (ou precavendo-se do que os outros venham a explorar) seu valor econômico. (BRAGA, 2007).

Neste contexto, existem várias formas de propriedade intelectual, das quais as mais comuns são: direitos autorais, patentes, marcas comerciais e design.

Pode-se incluir como setores com possibilidade de gerar direitos de propriedade intelectual, não apenas as indústrias culturais e o artesanato, mas outros como a moda, arquitetura, música, televisão, cinema, propaganda e software.

Para a chefe do Departamento de Economia Criativa da Organização das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento - UNCTAD, Edna Santos, o conceito “pode ser definido como o ciclo que engloba a criação, produção e distribuição de produtos e serviços que usam o conhecimento, a criatividade e o capital intelectual como principais recursos produtivos”. E, ainda de acordo com ela, abrangeria “desde os produtos artesanais até as artes cênicas, artes visuais, os serviços audiovisuais, multimídia, indústrias de software etc.” (OSLEGHER, 2007).

Com base nestes conceitos, cada região poderá aproveitar o seu espaço e suas características, desenvolvendo e potencializando suas atividades.

No Brasil, o registro de patentes ainda é muito pequeno, quando comparado a países desenvolvidos.

O Município de São José dos Campos, por reunir diversos setores de atividade que se utilizam de elevado grau de tecnologia, poderá tomar uma posição de maior destaque, na economia do País, à medida em que as empresas comecem a pensar no conceito e desenvolvimento de economia criativa, associada ao desenvolvimento sustentável.

Uma pesquisa elaborada pela Prefeitura Municipal de São José dos Campos (NEPO, UNICAMP/PMSJC, 2003), revela que o município possui 51% de sua população urbana ocupada na prestação de serviços, 19% na atividade industrial, 17% no comércio, 8% na construção civil e 5% em Organizações Não-Governamentais – ONGs.

Considerando que a maior parte da população urbana de São José dos Campos está ocupada com a prestação de serviços, a adoção de algumas práticas, aliadas à criatividade na condução dos seus negócios pode dar aos empreendedores, vantagens competitivas na busca do desenvolvimento da economia local trazendo para a Região, uma absorção maior de mão-de-obra, gerando mais emprego e renda e melhoria da qualidade de vida de sua população.

Concentra-se em São José dos Campos, uma gama de serviços com elevado grau de tecnologia, pesquisa e desenvolvimento, passíveis de registros de patentes, registro de propriedade intelectual, que podem tornar as empresas regionais mais competitivas e inseridas no mundo globalizado.

Mais do que criar e reter talentos, as empresas devem estimular sua criatividade, no sentido de explorar ao máximo os seus recursos humanos e não-humanos.

A presença de Instituições de Pesquisa, Instituições de Ensino, Incubadoras Tecnológicas e Condomínios Industriais que demandam serviços, faz de São José dos Campos e do Vale do Paraíba, um "solo fértil" para a produção da inovação.

Criar soluções inovadoras e desenvolver a "Economia Criativa", pode ser a grande ferramenta que os países necessitam rumo ao Desenvolvimento Sustentável.

Conclusão

O Conceito de Economia Criativa, por ser recente, ainda é desconhecido por diversos segmentos produtivos e, até mesmo, por diversos agentes públicos, que ainda não possuem políticas eficazes para a disseminação do seu uso.

O esforço conjunto envolvendo empresas, políticas públicas e população, é fundamental para que ações efetivas e transformadoras possam ocorrer no mundo corporativo, trazendo desenvolvimento para as regiões.

A promoção de Programas de Sensibilização destes atores (setor público, setor privado e comunidade), poderá modificar o cenário, não apenas de São José dos Campos, mas do Vale do Paraíba e do País, transformando o espaço urbano e a sua ocupação, rumo ao crescimento e desenvolvimento econômico sustentável.

As Universidades e Instituições de Ensino Superior – IES, pelo papel que exercem, muito podem contribuir para a formação e novos talentos com um olhar inovador e criativo, aproveitando os recursos e a potencialidade de cada região.

São José dos Campos, pode vir a ocupar um lugar de destaque, não apenas como uma das

principais cidades do Estado de São Paulo, por sua força tecnológica aliada a atividade industrial, mas por ser um pólo de excelência em soluções criativas e inovadoras impulsionada pelo setor de serviços, respeitando as potencialidades e características existentes na região, e economia criativa e promovendo o desenvolvimento sustentável.

Referências

- BRAGA, I. A. Fórum Internacional sobre Economia Criativa, Disponível em <<http://www.planetasustentavel.com.br>>. Acesso em 30 jun.2008.
- CASTRO, M. C. *Desenvolvimento sustentável: a genealogia de um novo paradigma*. Economia e Empresa, São Paulo, v.3, n.3, p.22-32, jul./set. 1996.
- CMMDA – Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso Futuro Comum*. FGV. Rio de Janeiro, 1988.
- COSTA, E. V. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- NEPO/UNICAMP/PMSJC. Atlas das Condições de Vida em São José dos Campos. Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 2003.
- OSLEGHER, D. M. Economia Criativa, Disponível em <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em 23/06/2008.
- SANTOS, M. Espaço & Método. 3. ed.. São Paulo: Ed. Nobel, 1992.